



## CONSERVADORISMO E IRRACIONALISMO: O BOLSONARISMO ENQUANTO REAÇÃO DO CAPITAL À SUA CRISE ESTRUTURAL

*Conservatism and irrationalism: bolsonarism as a reaction of capital to its structural crisis*

CASTRO, Matheus Rufino<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo almeja analisar ontologicamente o fenômeno do bolsonarismo, buscando compreendê-lo em seus elementos mais determinantes. Com base na noção de ontologia (LUKÁCS, 2013), entendemos que o Modo de Produção Capitalista se encontra em um processo de crise estrutural, iniciado em 2008, que atinge todo o seu quadro de controle sociometabólico. A ampliação da precarização da vida da classe trabalhadora que agrava o quadro de pauperização material e espiritual da sociedade impele os sujeitos a uma condição permanente de insatisfação. Entretanto, ao passo que esta revolta é bastante difusa, reforçada por sua captura pela racionalidade neoliberal, o ideário conservador-irracionalista, como é o bolsonarismo, emerge como uma síntese possível, ainda que contraditória, da revolta dos sujeitos para com a sua vida e se consolida como uma reação do capital para retomar a direção intelecto-moral da sociedade, assim como, e, principalmente, da fomentar a acumulação de capital em níveis ainda maiores. Outrossim, a absorção do ideário de grande parte da classe trabalhadora e de suas organizações pelo capital a partir da ontologia pós-moderna restringe o campo das possibilidades de sua práxis política. Torna-se, então, decisivo para o futuro da humanidade, resgatar a ontologia para o campo da luta de classes de modo a apresentar um novo projeto societário estruturante capaz de disputar os “corações e mentes da classe trabalhadora”.

**Palavras-chave:** Ontologia. Bolsonarismo. Crise.

### ABSTRACT

This study aims to analyze ontologically the “bolsonarism” phenomenon, in order to understand it at this most determinants elements. Based on the notion of ontology (LUKÁCS, 2013), we understand that the Capitalism Production Mode is passing by a process of structural crisis that started at 2008 and reaches its control sociometabolic horizon. The rise of labor class degradation increases the situation of material and spiritual society pauperization and excite the individuals to a condition of permanent dissatisfaction. However, as this revolt is quite spontaneous, reinforced by this capture per the neoliberal rationality, the liberal-conservative thought, such as the “bolsonarism”, emerges as a possible synthesis, even if contradictory, of this people dissatisfaction with their life and is consolidated as capital reaction in order to recapture the intellectual and moral direction of the society, even as ensure capital accumulation in an expanded way. Furthermore, the arrest of working-class consciousness and their organizations by the capital through the postmodern ontology limits the policy praxis field of possibilities. Rescue the ontology for the space of class struggle became crucial for the future of the humanity, with the end of introducing a new structural society project able to dispute working class “hearts and minds”.

**Keywords:** Ontology. Bolsonarism. Crisis.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela UERJ, Mestre em Educação pela UFF, Graduação em Licenciatura em Educação Física pela UFRJ. Professor de Educação Física do Colégio Pedro II – Campus Duque de Caxias e coordenador do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira.

## INTRODUÇÃO

Podemos dizer que a pandemia escancarou um processo que, se não estava claro para muitas pessoas, já era sentido em seu estado de latência, prestes a eclodir. A crise do capitalismo, a insuficiência sistêmica em prover uma condição digna de vida para o conjunto da população mundial se agravou sobremaneira neste período em que as contradições inerentes ao Modo de Produção Capitalista (MPC) se intensificam e são levadas às últimas consequências: explosão dos índices de desemprego; pauperização extrema de grande parte da população; falta de acesso a serviços essenciais, entre outras coisas.

Contudo, o caso brasileiro, em um capitalismo dependente, é ainda mais dramático e expõe com maior clareza as debilidades sistêmicas, consubstanciadas na incapacidade de cumprir com o mínimo prometido pelo capitalismo: uma ordem social com algum grau de liberdades democráticas. Não bastasse sofrer com as mazelas de uma inserção periférica/dependente na ordem capitalista mundial, o Brasil atualmente se depara com a reação mais aguda do capital à sua crise: uma frente liberal-conservadora, para alguns; neofascista, para outros, personificadas pela figura do presidente Jair Bolsonaro.

Dessa maneira, mesmo os esforços esperados por uma ordem que diz ter algum grau de anteparo na ciência, na racionalidade (MÉSZÁROS, 2012), e que ocorrem em outros países capitalistas para a contenção da pandemia do coronavírus são obstruídos quando não inviabilizados pelo presidente e seu bloco no governo. O boicote deliberado ao uso de máscaras, e, sobretudo à política de vacinação como forma de mitigar os impactos do COVID-19 na economia é expressão-síntese destes fatores que caracterizam o fenômeno bolsonarista: conservadorismo extremado, com o apelo a concepções religiosas transcendentalistas; irracionalismo e negação dos parcos avanços das ciências; radicalização e agitação de suas bases a partir de teorias da conspiração (além das chamadas *fake news*).

Entretanto, apontar os aspectos mais fenomênicos do Bolsonarismo, ou até mesmo desta frente (ultra)liberal-conservadora, ou neofascista, que amplia seu raio de ação pelo mundo e teve como maior expoente o ex-presidente estadunidense Donald Trump, não é o suficiente para construir uma práxis política capaz de derrotar esta forma de reação do capital à atual crise estrutural. Ir além do aspecto fenomênico e chegar à essência do acontecimento/forma social é fundamental, pois “por um lado a essência apareceu ontologicamente como momento predominante na interação e, por outro, a relação igualmente ontológica entre ambas é concretizada no fato de que o fenômeno tem de brotar necessariamente do ser da essência” (LUKÁCS, 2013, p. 385).

Para alcançarmos a devida compreensão da essência, é imperioso lançarmos mão da ciência que estes grupos conservadores buscam negar com tanto afincio. “Na realidade social, os limites entre essência e fenômeno muitas vezes se tomam fluidos, que as diferenças realmente existentes só podem ser constatadas como alguma precisão *a posteriori*, com o auxílio de análises conceituais, científicas” (LUKÁCS, 2013, p. 492). Destarte, é a ontologia marxiana que nos servirá como base científica para compreensão da atual conjuntura e de uma de suas principais expressões: o irracionalismo que embasa o conservadorismo em voga.

Dito isso, este estudo será estruturado a partir dos seguintes pontos: compreender a relação entre conservadorismo e capitalismo de modo a fazer a devida crítica de um suposto “progressismo” inerente ao capital; traçar um panorama do atual estágio do capitalismo abordando a questão da crise e sua racionalidade, sobretudo o cerne de sua ontologia; construir uma análise mais específica do pensamento de extrema-direita na realidade, em especial do fenômeno bolsonarista em suas bases ontológicas.

## **CAPITALISMO E CONSERVADORISMO: UMA RELAÇÃO MAIS PRÓXIMA DO QUE SE COSTUMA PENSAR**

Ao contrário do que se costuma transmitir para o conjunto das pessoas, o capitalismo não pôde chegar ao seu atual estágio de desenvolvimento sem a utilização de muita violência, assim como não pode se manter sem lançar mão de um conjunto de métodos extremamente bárbaros, de satisfazer até a mais sádica das pessoas. Em geral, a historiografia aponta como marco zero do capitalismo enquanto Modo de Produção dominante a Revolução Francesa, que, como vemos o nome, é uma revolução, marcada por uma ruptura, em geral violenta, com o intuito de promover uma tomada de poder para a construção de uma nova estrutura societária.

Este processo revolucionário ocorre após longo período de crise do Modo de Produção anterior, o Feudalismo, que, chega ao esgotamento junto com suas estruturas de poder, destacando-se o Estado absolutista, e a cosmovisão que o alicerçava, pautada sobretudo pela ótica religiosa-transcendental, que justificava/legitimava uma estrutura social baseada em estamentos. Na Idade Média, a renúncia da ciência à formação de uma imagem do mundo era parte de uma composição social e ideológica entre a Igreja (instituição fundamental na obtenção da coesão social) e a aristocracia (estamento dominante no período).

Nos marcos da transição do Feudalismo para a dominância do Capitalismo, foi necessário haver uma classe que conseguisse sintetizar esta necessidade de mudança para com a ordem de coisas em vigor. Assim, a burguesia toma-se a classe social revolucionária em contraposição à nobreza, e, para tanto, necessita de uma concepção de mundo para se confrontar com a concepção dominante, e assim atrair as demais classes para esta ação revolucionária. A ciência e a razão são invocadas como bases para uma nova concepção de mundo centrada no ser humano combatendo o determinismo religioso que justificava uma ordem social aristocrática, assumindo um caráter que se pode denominar de “progressista”, constituindo o que Mészáros (2012, p. 462) denomina de “Ideologia iluminista-liberal”.

A ideologia burguesa tinha como principal viés almejar uma libertação da humanidade por meio da Razão, uma razão universal que construiria uma nova ordem social capaz de promover progressos sociais. “A solução positivo-emancipatória dos problemas identificados era otimisticamente prevista sobre esses fundamentos, tanto em termos do *conhecimento* alcançável como do *aperfeiçoamento moral* possível das partes e, com elas, do todo” (MÉSZÁROS, 2012, p. 462, *grifos do original*).

Com isso, as demais classes sociais (trabalhadores, a pequena burguesia, camponeses) aderem ao projeto burguês, a partir de seus interesses particulares, e atuam neste processo revolucionário. Contudo, após a revolução burguesa, começa a ficar evidente que o que estava em jogo era a constituição de uma nova estrutura societária ainda

pautada pela exploração destes outros grupos, tendo a burguesia como a classe dominante, ainda que houvesse avanços sociais relevantes. Para frear a continuidade do ímpeto da classe trabalhadora que desejava se manter no processo revolucionário, foi necessário para a burguesia estabelecer um conjunto de acordos e concessões para com a anterior classe dominante, a nobreza, junto com a instituição social responsável pela coesão social naquele período, a Igreja.

A burguesia, então, passa gradativamente de classe revolucionária para uma classe reacionária que deveria construir novos mecanismos de dominação e contrapeso aos imperativos revolucionários da classe trabalhadora assim como conter a insatisfação das demais classes, já que o progresso prometido das condições de vida, não poderia ser alcançado por todos. “Era necessário negar, *na prática*, à vasta maioria dos indivíduos a possibilidade de alcançar um tal *status*, com o objetivo de manter um sistema de dominação em que o capital – por uma questão de necessidade objetiva – tinha de lhes atribuir uma posição subordinada” (MÉSZÁROS, 2012, p. 464, *grifos do original*). Para tanto, a concepção de mundo calcada na ciência, de ordem progressista na ruptura para com o Feudalismo, teve que abrir espaço e estabelecer concessões com antigas concepções transcendentalistas, em especial a religião.

Como resultado, foi produzida uma nova ontologia que pudesse ser livremente manipulada pelos sujeitos a partir dos interesses dominantes, estabelecida a partir da homogeneização da realidade por meio dos conhecimentos parciais no âmbito das ciências da natureza. Como resultado, surge a possibilidade de haver um retorno da religião como forma de explicação da realidade, embora não como o principal elemento da justificação da ordem social a partir de sua dominação pela burguesia. Esta nova ontologia “se contenta com um acordo espiritual-científico no sentido de que não há mais uma oposição autenticamente excludente entre a mais avançada ciência natural moderna (em contraste com a dos séculos XVII-XIX) e a posição religiosa diante do mundo” (LUKÁCS, 2018, p. 51).

Nestes marcos, ao abdicar da perspectiva revolucionária, torna-se necessário para a burguesia e para a sustentação/justificação da materialidade da nova ordem social em vigor uma nova concepção de mundo que conseguisse articular no âmbito moral e ético-político uma perspectiva conservadora, que buscasse impedir a veiculação de ideias radicais de transformação social, com uma ideia de desenvolvimento científico desde que este se circunscrevesse ao aumento da produtividade material e legitimação da ordem societária capitalista. A ontologia religiosa permitiu por muito tempo a coexistência de uma “dupla-verdade”, a mundana e a divina, desde que a ontologia desta última prevalecesse mesmo com a investigação científica (LUKÁCS, 2018).

Disto resultou que a “ideologia liberal-iluminista” passou por uma série de ajustes para que pudesse corresponder aos imperativos do capitalismo em consolidação, com uma nova base teórico-política de cunho cientificista, na verdade, enredando gradativamente para concepções pseudocientíficas, cujo objetivo foi construir uma estabilidade social a partir das necessidades da burguesia. Este processo faz com que se derive da ideologia iluminista, a concepção científico-filosófica do positivismo, que já nasce como uma forma compreender a sociedade extremamente conservadora.

O positivismo impulsionou o sistema de ideias conservador, ao mesmo tempo em que o modificou, pois estabeleceu sua reconciliação com a sociedade capitalista consolidada e sua institucionalidade. Realinou o foco das disputas políticas dos conservantistas, de posições antiburguesas para posições antiproletárias e, por derivação, contrarrevolucionárias. A

Sociologia como disciplina e “ciência” específica passa a vocalizar certas aspirações conservadoras clássicas, principalmente aquelas em defesa das instituições estabelecidas. Opera essa vocalização por meio de “métodos científicos” que esvaziam a produção de conhecimento sobre a sociedade de suas mediações econômicas e políticas. Esse fôlego renovado que valores conservadores centrais recebem das “ciências sociais” é repleto de consequências históricas” (SOUZA, 2015, p. 203).

A concepção científico-filosófica que passa a predominar naquele momento - o positivismo - tem como principal desdobramento: a determinação da manipulação como o método científico por excelência e fim de toda atividade. Desta maneira, o saber científico, independente do sistema utilizado, se converte em mecanismo de manipulação, ao mesmo tempo que há a imposição de uma impossibilidade de apreensão do ser-em-si, isto é, não é possível compreender a realidade de modo científico, mas apenas manipular os seus aspectos fenomênicos (perceptíveis aos sentidos físicos) do modo mais pragmático o possível para satisfazer interesses imediatos.

Esta teoria do conhecimento, então, se estabelece em articulação com um intenso subjetivismo, já que o critério de realidade/verdade passa a ser o atendimento a esses interesses mais imediatos, particulares (LUKÁCS, 2018). Esta concepção científica passa a ser ajustável a qualquer concepção de mundo, sobretudo a religiosa-transcendentalista e se converte em arma ideológica na medida para a burguesia, assumindo um caráter extremamente conservador. Logo, irracionalismo/idealismo subjetivista e conservadorismo caminham juntos como as duas faces da moeda do capitalismo, embasando as concepções de mundo que o justificam e legitimam.

Consequentemente, torna-se determinante para a reprodução da ordem capitalista a existência de uma cosmovisão de cunho conservador, quando não reacionário, pois, nos tempos de crise, com a agudização das contradições do próprio capitalismo, a insatisfação da classe trabalhadora se amplifica e é necessário estabelecer novas formas de obtenção do consenso social, para além é claro do uso da repressão aberta e violenta. A conquista ideológica da classe trabalhadora só pode, então, passar pela limitação do alcance da razão e da ciência como formas de compreender o mundo (restringindo o alcance e papel social da ciência propriamente dita), isto é, introduzir elementos irracionais, mesmo no espectro científico; enquanto, em um nível moral, no campo da ética, é fundamental a assunção de um horizonte conservador, de forma a manter os sujeitos não apenas em uma situação passiva, mas de adesão ativa à ordem capitalista.

### **A CRISE DO CAPITALISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ONTOLOGIA OU “COMENDO UMA COMIDA REQUENTADA COM NOVOS TALHERES”**

Talvez uma das palavras mais popularizadas nestes últimos anos seja “crise”, independente da abordagem que se faça da mesma. Em geral, a mídia hegemônica, junto com os partidos da ordem, seus intelectuais, *think tanks*, promovem a crise como algo meramente circunstancial, nunca sistêmico, em geral como culpa/responsabilidade de medidas “antiliberais”, cujos problemas seriam resolvidos a partir do receituário liberal: privatizações, redução do Estado, retirada de direitos trabalhistas e sociais, uma subordinação social total aos ditames do mercado. Outro elemento vem ganhando espaço nestas concepções de crise do capital é a abordagem moralista da crise: em que o liberalismo seria “do bem”, a solução de todos os problemas da humanidade, enquanto

o comunismo/socialismo ou qualquer outra perspectiva que se afaste do liberalismo seria “malvada”, ou então “corrupta” e culpa pela crise.

Entretanto, em nossa análise ontológica do capitalismo, observamos que as crises não são momentos excepcionais seus, mas uma regra, ou melhor, uma condição para que o mesmo possa sanar os momentos de agudização de suas contradições.

Os processos de acumulação de capital desenvolvem as contradições do capitalismo a um ponto tal que as crises são a forma que esse mesmo modo de produção encontra para, ao mesmo tempo, manifestar o momento de irrupção dessas contradições e o restabelecimento da unidade entre a produção e a apropriação do valor (CARCANHOLO, 2010, p. 01).

As crises do capitalismo são divididas em dois tipos fundamentais: as crises conjunturais, que são circunstanciais e ocorrem com muita frequência em virtude de ser o capitalismo um Modo de Produção incontrolável, cuja preocupação central é ampliar o processo de acumulação mesmo que em detrimento das necessidades humanas. Estas crises afetam partes do sistema do capital, mas não abalam a sua estrutura, pois esta é flexível o suficiente para se reorganizar e superá-las com alguma celeridade.

Temos também as crises estruturais ou orgânicas, que abalam concretamente as estruturas do MPC, em todo seu processo de controle sociometabólico (MÉSZÁROS, 2012). Este tipo de crise representa uma ameaça concreta ao controle do capital, pois, atinge toda a sua estrutura, desde o centro do processo de acumulação e irradia para o nível do conjunto das instituições, do macrocosmo estatal ao microcosmo familiar, por exemplo, engendrando uma crise de direção/comando dessa sociedade. Acreditamos que atual a fase do capitalismo seja a de uma crise estrutural/sistêmica.

Dessa maneira, para identificarmos a essência das formas atuais do capitalismo em crise estrutural, é importante conhecermos suas determinações mais gerais. A atual fase do capitalismo, o neoliberalismo, tem como principal marca a necessidade de acelerar em um grau nunca antes visto o processo produção/rotação/acumulação de capital.

Para tanto, houve a promoção de um conjunto de fatores que simultaneamente dão o tom da nova forma de se produzir a vida como resposta à crise do que se deliberou chamar de “fase fordista” de acumulação de capital: reestruturação produtiva com uma permanente revolução tecnológica e com novas formas de organização/gerenciamento do trabalho de modo acelerar indefinidamente a circulação de capital (a uberização, por exemplo); desregulamentação total dos mercados financeiros; apropriação quase que total do fundo público dos Estados pelo capital, em especial por mecanismos da dívida pública; privatização total dos serviços do Estado, com exceção das forças de segurança e do poder judiciário que devem garantir o controle dos conflitos entre a burguesia e classe trabalhadora, além dos conflitos intraburgueses; retirada máxima dos direitos trabalhistas de modo a reduzir ao mínimo possível o custo da força de trabalho e ampliar as taxas de lucro; aumento do papel repressor do Estado, com a redução dos mecanismos de participação popular e gestão democrática, e ampliação do poder bélico de seus agentes de repressão.

Cumprir um papel determinante neste processo a constituição de uma nova racionalidade, capaz de fazer o sujeito não apenas se acomodar diante dessa ordem de coisas, como ser um participante ativo na reprodução da mesma. “[...] a política neoliberal deve *mudar o próprio homem*. E essas políticas devem chegar ao ponto de mudar a

própria maneira como o homem concebe sua vida e seu destino” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 91, *grifos do original*).

Em mundo de tantas incertezas, de total precariedade das condições de trabalho, das relações introduzidas pelas necessidades de acumulação ampliada de capital, é fundamental inculcar nos sujeitos a noção de que essa condição permanente de mudança e ausência de estabilidade são boas e fazem parte da vida. Conseqüentemente, há o crescimento da relevância de conceitos como “empregabilidade”, “polivalência”, “flexibilidade”, etc., dentre outros termos deste corolário que busca promover no sujeito exatamente esta incapacidade de pensar para além do presente, uma vida baseada no presentismo, sem planos e sem futuro, apenas na adaptação aos imperativos irracionais do capital.

Generaliza-se o medo do desemprego e com ele a necessidade de adaptação diante dos problemas da sociedade, pois, a prioridade é garantir a própria sobrevivência, afastando os sujeitos de quaisquer perspectivas mais amplas e significativas de ação e inserção social.

Foi esse contexto de *medo social* que facilitou a implantação da neogestão nas empresas. Nesse sentido, a “naturalização” do risco no discurso neoliberal e a exposição cada vez mais direta dos assalariados às flutuações do mercado, pela diminuição das proteções e das solidariedades coletivas, são apenas duas faces de uma mesma moeda. Transferindo os riscos para os assalariados, produzindo o aumento da sensação de risco, as empresas puderam exigir deles disponibilidade e comprometimento muito maiores (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 329).

Se encontra no cerne deste o processo o que Lukács (2013) denominou de predomínio da “manipulação” na produção e reprodução sociais. Como já foi visto, isto significa a existência de um tratamento dos aspectos da realidade descolados de seu contexto, de seus nexos sociais, permitindo toda sorte de interpretações e de utilizações, de modo a fortalecer os interesses e fins mais particularistas e imediatos em detrimento das ações e perspectivas sociais mais amplas, coletivas, assim como dos preceitos da solidariedade, em especial da classe trabalhadora.

A absolutização da lógica de mercado como sentido para a vida, que se amplia ao passo que as necessidades de acumulação de capital também aumentam, promove a subsunção do sujeito ao papel social de consumidor como outro elemento fundante desta nova racionalidade. A subsunção da vida ao consumo ocorre a partir da lógica da soberania do consumidor em relação ao mercado, e gera na pessoa a sensação de um falso poder de pautar a produção social. Porém, quando esta ilusão se choca com a realidade concreta, o sujeito se vê cada vez mais fragilizado e impotente diante do poder totalizante do capital. Absorvido pela lógica do consumo, o sujeito tende a conceber que o seu prestígio social, assim como a própria percepção de si (autoestima), depende de sua atuação consumidor, ou seja, é definido por aquilo que ele se torna capaz de ter/consumir em detrimento de suas relações reais, de modo que as suas relações, as demais pessoas, se tornam apenas meios para cumprir seus objetivos mais imediatos e particularistas (CASTRO, 2020; LUKÁCS, 2013).

Com isso, o individualismo/particularismo se fortalece enquanto tendência no âmbito da práxis, com todas as conseqüências ético-políticas que isso acarreta, em especial o enfraquecimento de todos os valores e princípios relativos à coletividade e à generidade humana. Contudo, este fortalecimento do particularismo, não significa o fortalecimento do sujeito diante da realidade, muito pelo contrário, significa estar cada vez mais à

fragilizado e impotente diante de uma realidade que o oprime a cada dia mais, diante da ausência de possibilidades de uma resposta coletiva socialmente significativa (SENNET, 2009).

Este sujeito cada vez mais egoísta, cujos vínculos sociais se encontram cada vez mais limitados e enfraquecidos, tendo que garantir a sua sobrevivência (estar “sob pena de ruína” como Lukács nos diz) se encontra crescentemente suscetível às concepções de mundo mais pragmáticas, voltadas para a resolução individual e imediata de seus problemas. Além disso, suas próprias perspectivas, esperanças e sonhos são rebaixados e adaptados às possibilidades ofertadas por este sistema empobrecedor, de modo que suas escolhas e prioridades tenham uma base de caráter cada vez mais imediatista, engendrando um círculo vicioso de pragmatismo e utilitarismo, que o torna mais egoísta e menos sensível às questões sociais mais amplas (CASTRO, 2020).

Ademais, a lógica concorrencial própria do capital se intensificou de tal modo que se torna quase que uma questão de sobrevivência, quando não material, mas simbólica-emocional (prestígio social sob forte pressão da opinião pública), tornar-se extremamente competitivo e enxergar no outro ser humano não apenas um concorrente, mas um inimigo, o que também passa a ser aplicado no âmbito da política – é a radicalização do dito “farinha pouca, meu pirão primeiro”, já que a farinha torna-se insuficiente para as aspirações e imposições do capital. Agora, com a “pouca” farinha que tenho, eu não apenas faço o meu pirão e não divido com ninguém, como eu tento pegar a farinha de outra pessoa, nem que eu tenha que recorrer aos meios mais bárbaros para isso.

Entretanto, esta vida desumanizada em termos de desenvolvimento de suas potencialidades também engendra uma sensação absurda de sofrimento e de ausência de sentido, que é uma construção social e só pode existir na relação indivíduo-sociedade, a partir das relações sociais que se estabelece (LUKÁCS, 2013). É nesse contexto que o irracionalismo-transcendentalista ganha um grande impacto na vida dos sujeitos, pois, aproveita-se dessa vulnerabilidade, da miséria material e espiritual (im)posta pelo capitalismo, e oferta um laço comunitário para sujeitos extremamente carentes, oferece uma promessa de salvação, quando não contribui materialmente para a vida das pessoas despossuídas, destacamos o caso óbvio das igrejas neopentecostais.

Esta ampliação da religiosidade irracionalista ganha força não apenas pelas determinações de caráter econômico, mas se fortalece ao passo que o “caldo de cultura” pós-moderno se torna hegemônico e promove a perda de espaço da ciência como fundamento de construção de uma nova concepção de mundo (a possibilidade de construir uma nova sociedade, mais justa e melhor a partir da razão). O movimento pós-moderno se origina com a busca por uma nova sensibilidade humana em detrimento da razão fria da ciência que viria, segundo esta lógica, a embasar tanto capitalismo como socialismo e provocar desastres como as duas grandes guerras mundiais, ambos considerados como projetos da “modernidade”, vista como “a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção” (HARVEY, 2008, p. 19).

O pós-modernismo inicia como um movimento que almeja atuar no campo da cultura, a partir dos valores da “diferença”, e ontologicamente se alicerça na contraposição aos discursos universais (“totalizantes/homogeneizadores”) (HARVEY, 2008). Ontológica e epistemologicamente, ocorre uma aproximação com neopragmatismo norteamericano (DUAYER, 2012), colocando ciência e filosofia no quadro das narrativas socialmente

existentes ignorando as suas diferenças ontológicas em relação às demais construções sociais, como a religião. Ao combater o “cientificismo” por meio da crítica à razão iluminista/positivista, o pós-modernismo se aproxima ontologicamente do que pretendia negar, o positivismo/neopositivismo, porquanto, ao postular a inexistência/impossibilidade de um conhecimento verdadeiro/universal, reduz a realidade ao nível do discurso e da crença, no caso do neopragmatismo.

Ao encaixar a ciência no nível do discurso e da crença, e afirmar que os discursos e crenças são individuais, fruto das experiências vividas de cada sujeito, o pós-modernismo irmanado ao neopragmatismo desautoriza e suplanta a ciência enquanto instrumento fundamental de compreensão e transformação coletiva da realidade. É a derrocada da ontologia, o fim da possibilidade de compreensão do ser, de sua objetividade, que provocou “um caos nas imagens de mundo, visto que o único critério de verdade que resta é o da utilidade no interior de um complexo de conhecimento concreto e verificável na prática.” (LUKÁCS, 2013, pp. 718-19).

Além disso, nesta lógica que atribui a verdade às vivências individuais, interesses e finalidades mais imediatas, o pós-modernismo reforça o individualismo/particularismo já fortalecido pela própria ordem capitalista e intensificado no período neoliberal, sendo extremamente útil para a sua reprodução. Imerso na ontologia neopositivista, o sujeito não consegue ver em sua particularidade uma historicidade (o passado não importa, o futuro não pode ser planejado, o que me resta é um presente totalmente marcado pela contingência), o que se harmoniza com a perspectiva pós-moderna do fragmentário, que culmina com a redução da “experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo” (HARVEY, 2008, p. 57).

E o que resta aos sujeitos diante de uma vida de incertezas? Aproveitar o presente da “melhor” maneira que lhe aprouver, em que vale tudo para garantir este “prestígio social”, sobretudo buscando fugir da miséria de sua vida real. É uma mistura entre a radicalização do *carpe diem* com o consumo de “prestígio social” que converte as válvulas de escape, como fanatismo religioso ou até mesmo político, uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, vida sexual compulsiva, autoexposição doentia em redes sociais, em “estilo de vida”, uma tentativa de dar sentido a uma existência sem sentido e sem razão.

A importância de um consumo de massa nesse campo cria um aparato ideológico muito extenso, que domina os órgãos da opinião pública, cujo ponto central de motivação é o consumo de prestígio, que toma forma como meio de criar uma “imagem”, como indução a ela; ou seja, a pessoa se veste, fuma, viaja, tem relações sexuais não por causa dessas coisas em si e por si, mas para aparentar no ambiente em que se vive a “imagem” de certo tipo de pessoa que é apreciada enquanto tal. (LUKÁCS, 2013, pp. 716-17).

Ademais, o arcabouço ontológico do pós-modernismo só permite a realização de críticas à realidade com um caráter extremamente parcial (mirar o todo não apenas deixa de ser desejável, mas se gera uma aversão, o pós-modernismo às vezes é mais anticomunista que os próprios liberais assumidos). Dessa forma, por mais que essas críticas pós-modernas atinjam pontos socialmente relevantes, como a necessidade de superação das problemáticas relativas à opressão de gênero, raça, sexualidade e afins, ao dar um tratamento fragmentário, subjetivista, elas são facilmente acolhidas pelo capital e convertidas em ferramenta de acumulação.

“A lógica fetichista do capital combina de forma dialética a privatização da vida cotidiana, o culto à identidade micro e aos guetos, com a expansão totalizante e mundializada dos

mercados globais, isto é, a postura pós-moderna com a lógica do capitalismo neoliberal e mundializado” (CARCANHOLO; BARUCO, 2009, p. 140). Podemos destacar a criação de novos nichos de mercado, de modo que o esvaziamento de questões importantes como a representatividade, implica que não se busque fazer com que o processo de superação da opressão ocorra de modo estrutural/concreto, atingindo a raiz do problema, mas sempre buscando individualizar as problemáticas e suas soluções, como a questão do “empoderamento”.

Dessa forma, a lógica pós-moderna de pensamento é muito menos transformadora do que parece, sendo, na verdade, no nível social mais amplo, extremamente conservadora, pois, o que propagada em termos práticos é a adaptação dos sujeitos à ordem societária em vigor. Os sujeitos devem reduzir seu escopo de inserção e atuação, da classe para os pequenos coletivos, quando não atuarem individualmente, para fazer o necessário (independente do custo social disso) que os possibilite ascender socialmente e ter acesso a mais experiências mediadas pelo consumo. Isto faz com que a “emancipação humana” seja deslocada do debate para uma ascensão social individual, cuja marca seria ter acesso a bens de consumo e o consequente “prestígio social”.

As questões sociais como os direitos e as desigualdades saem de cena para o culto à proatividade, ao empreendedorismo; assim, a negação pós-moderna e o recrudescimento do conservadorismo e o neoconservadorismo da ordem neoliberal, o que inclui a extrema-direita, possuem uma relação bem estreita.

Uma retórica que justifica a falta de moradias, o desemprego, o empobrecimento crescente, a perda de poder etc. apelando a valores supostamente tradicionais de autoconfiança e capacidade de empreender também vai saudar com a mesma liberdade a passagem da ética para a estética como sistema de valores dominantes (HARVEY, 2008, p. 301).

Dessa maneira, a classe trabalhadora sofre um duplo ataque no processo da formação de sua consciência: por um lado, há uma série de imperativos objetivos, decorrentes das novas formas de organização/gestão do trabalho, que a colocam em uma posição extremamente defensiva, quase que vivendo com base em seu instinto de sobrevivência, tornando-a mais refratária à qualquer perspectiva de inserção social, incentivando ao máximo o seu particularismo e a objetificação das demais pessoas, obstruindo a formação de mecanismos e espaços de solidariedade de classe; por outro, diante da negação da ciência como mecanismo fundamental de compreensão da realidade, pelo seu rebaixamento ontológico, e o reforço a uma existência cada vez mais voltada para o imediatismo, para o utilitarismo, a ausência de sentido de sua vida só pode ser suprida por uma lógica transcendental salvacionista, que, a impele a uma condição de ou resignação apática ou até uma adesão entusiasmada para com a atual ordem de coisa, e aqueles que se revoltam se tornam alvos de grande rejeição social, aversão pública.

Um mundo absurdamente sem possibilidades, sem futuro, tão sem futuro que erodiu quase por completo a própria teodiceia do crescimento do capital e seus ideólogos. Daí a compreensível associação que tal predomínio estabelece entre ceticismo, conformismo e hiperindividualismo. O sistema de crenças, ao representar um mundo social sem sentido social, exacerba tais atitudes e, retroativamente, reforça subjetivamente, pelas atitudes pessoais que alimenta, o caráter crescentemente antissocial dessa forma de organização da vida social (DUAYER, 2012, p. 24).

Com isso, as correntes autointituladas progressistas do que hoje seria uma “esquerda liberal” de corte pós-moderno se ancoram nesses preceitos e atuam de acordo com os

parâmetros do que seria um “moralismo do bem”, por não ser moralmente conservador. Por que eu digo isso? A negação da ciência como forma de compreender a realidade, e sua equiparação no âmbito do discurso e da crença a qualquer outra formulação, valor, vivência, só pode tratar das questões das opressões (que o pós-modernismo diz buscar combater) no nível da moralidade. Quando estes setores estabelecem embates sobre essas opressões com os círculos conservadores, o debate escapa totalmente ao escopo científico da análise para um viés moralista. As discussões se resumem a um duelo do bem (progressismo) contra o mal (conservador), incorrendo em uma ética abstrata, que, muitas vezes, tem afastado a classe trabalhadora das discussões e sonogado as suas possibilidades de formação e emancipação, além de não resultar em processos concretos de melhoria de vida dos grupos subalternizados.

Indo além, se os parâmetros, valores, princípios devem ser pautados exclusivamente pelas vivências e perspectivas individuais, até mesmo o debate moral, ético-político, deixa de fazer qualquer sentido, pois, o que é bom, o que é “do bem” é fruto da perspectiva individual de cada sujeito e não da perspectiva social. Assim, a esquerda liberal ou pós-moderna tenta ganhar do adversário no seu próprio jogo, utilizando basicamente as mesmas armas, e não entende o motivo de amargar tantas perdas. Ao deslocar estas questões de sua base material concreta com o seu devido tratamento científico, o que resta à estes segmentos da militância é aguardar por algum grau de boa-fé dos sujeitos e rebaixar as suas possibilidades de conquistas, adiando indefinidamente qualquer horizonte realmente emancipador.

Sendo assim, torna-se “natural” que, mesmo diante de uma crise histórica, sem precedentes na humanidade, pelo menos desde o século XX, em vez de ser a “esquerda” a grande mobilizadora das massas a partir de um novo projeto de sociedade que consiga canalizar os desejos e esperanças das pessoas, seja a extrema-direita com seu projeto elitista e discriminação quem o faça, por ser esta quem hoje consegue atacar (pelo menos no campo discursivo) muitas das questões concretas que afligem os sujeitos.

#### **“DEUS ACIMA DE TUDO, BRASIL ACIMA DE TODOS”: UMA ANÁLISE DA IRRACIONALIDADE CONSERVADORA**

Como o que fora exposto é fruto de uma crise sistêmica do capitalismo, o avanço da irracionalidade conservadora possui abrangência escala mundial, embora seja mediada por questões outras de cunho local, a destacar a correlação de forças decorrente da luta de classes. Contudo, o (re)aparecimento da extrema-direita na cena pública é um fato dado ao redor do mundo, fortalecido decisivamente a partir da crise estrutural iniciada em 2008<sup>2</sup>. Os discursos que se sintetizam e personificam nos representantes de extrema-direita, vinculados a partidos ou não, são sempre modalizados de acordo com a correlação de forças e com a inserção do país na ordem capitalista mundial. O elemento comum nessa extrema-direita com ampla inserção mundial é assumir um discurso nacionalista, “antiglobalismo”, e xenofóbico (contra imigrantes de países mais pobres, diga-se de passagem). Além disso, é também um componente comum o discurso moralista, com grande apelo religioso, salvacionista e anticomunista (SILVA *et alii*, 2014).

---

<sup>2</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/29/internacional/1456765910\\_208412.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/29/internacional/1456765910_208412.html).

Nos últimos anos, o grande expoente dessa extrema-direita foi Donald Trump, ex-presidente dos EUA, que combinava um discurso machista, racista, e homofóbico, angariando a simpatia de grupos supremacistas como a Ku Klux Kan (KKK), de quem não recusou apoio. com um discurso de intervenção na economia, promoção de empregos. Entretanto, Trump combinou este discurso moralmente reacionário com um discurso de apoio à geração de empregos e crescimento econômico, além do protecionismo da economia nacional, embora não voltado para o fortalecimento do Estado, e sim da burguesia nacional norte-americana.

O neoliberalismo, ideológica e economicamente, pode ser considerado “pai e mãe” da ascensão do “neoconservadorismo”. Só é possível realizar ataques aos direitos e à vida das pessoas desta magnitude por meio de mecanismos de fortalecimento da repressão e do autoritarismo. Além disso

a combinação de determinações econômicas, políticas e ideológicas que favorecem a hegemonia do Estado neoliberal cooperam para o encolhimento do espaço público e alargamento do espaço privado, contribuindo para a despolitização e para o fortalecimento tanto da transcendência divina quanto da autoridade política (SILVA *et alii*, 2014, p. 422).

Dessa maneira, em um momento de crise estrutural do capitalismo, não é difícil entender o porquê de a burguesia apoiar de maneira tão apaixonada caricaturas de cunho conservador-irracionalista. No caso brasileiro, Jair Bolsonaro atuou como um lacaios de Trump<sup>3</sup>, fazendo um discurso igualmente preconceituoso e extremamente reacionário, mas, adequado à condição de dependência da economia brasileira. Bolsonaro encampou um discurso ultraliberal a partir de seu Ministro da Economia Paulo Guedes, e como primeira medida estruturante promoveu uma Reforma da Previdência que basicamente inviabiliza o recebimento de proventos e pensões, sobretudo pela população mais pobre, além de manter toda a estrutura de desmonte do Estado e do sistema de proteção brasileira promovida por Michel Temer.

Além disso, o afastamento das pessoas dos processos decisórios promovido a partir dos mecanismos de “gestão”, construído paulatinamente na fase neoliberal do capitalismo, impele os sujeitos a um enclausuramento de suas vidas, despolitizando-os, afastamento de si das decisões públicas em prol da participação dos “especialistas”. Neste cenário, torna-se muito fácil promover uma entrega incondicional de poder para os representantes, em especial quando este representante ainda consegue canalizar e sintetizar em si, personificando tanto a revolta antissistêmica como a esperança irracional-transcendente de cunho religioso, como o “Messias”.

Por atuarem como verdadeiros partidos da ordem do capital, a grande mídia, com destaque para uma certa rede “global”, teve papel determinante para a ascensão bolsonarista, seja por potencializar sua voz/falas, seja pelo processo de propaganda neoliberal, e criminalização da esquerda.

A mídia patronal e alguns agentes “independentes” cumprem um papel funcional à reprodução de visões que alimentam o campo ideológico da extrema-direita. O poder de comunicação — a fala fácil, direta, pouco aprofundada, parcial e saturada de sensacionalismo explorador das mazelas cotidianas — tem grande receptividade num contexto social despolitizado e cindido entre os projetos e aspirações individuais e genéricas. A mensagem da extrema-direita, embora faça referência a um nós, procura identificar na

---

<sup>3</sup> <https://www.osul.com.br/bolsonaro-bate-continencia-a-bandeira-dos-estados-unidos-e-erra-o-proprio-bordao/>

mazela comum da barbárie contemporânea aquilo que remete à profundidade do eu, aquilo que permite a identificação imediata entre os anseios, angústias, incertezas e medos produzidos pela realidade comum de todos, aqueles que são intimamente experimentados por cada um” (SILVA *et alii*, 2014, p. 442).

Para garantir o processo de reprodução ampliada do capital, garantida pela pauta econômica de Paulo Guedes, os grandes conglomerados midiáticos relativizaram todos os arroubos e absurdos de Bolsonaro, pois, o que importa de fato para o capital é a acumulação ampliada.

Bolsonaro, então, radicaliza o processo de liberalização da economia a partir de um discurso de liberdade e estímulo para o “empreendedor”, o verdadeiro gerador de riquezas segundo ele, e que a classe trabalhadora deveria escolher entre “ter emprego ou ter direitos”<sup>4</sup>. O endosso à lógica do empreendedorismo como uma espécie de proatividade social faz parte desta racionalidade neoliberal, como já vimos, e amplifica o seu discurso ao passo que os índices de desemprego aumentam. Como Dardot e Laval (2016) nos apontam é uma lógica que se aproveita de sujeitos extremamente fragilizados e sem opção que, diante de sua situação de completo desalento, devem se submeter a quaisquer tipos de riscos para garantir sua sobrevivência.

Nesse sentido, há uma reafirmação da racionalidade neoliberal quando se delibera por culpabilizar o próprio trabalhador, e seus poucos direitos, pela crise sistêmica do capitalismo e a ampliação do desemprego estrutural. Aproveitando-se da redução do campo de ações concretas dos indivíduos em decorrência da crise, a burguesia na figura de Bolsonaro contribui para que o trabalhador aceite trabalhar em condições cada vez mais precárias “sob pena de ruína” (LUKÁCS, 2013).

Dessa maneira, cada vez mais a subjetividade da classe trabalhadora que deve buscar a sua sobrevivência vai se amoldando/ajustando aos imperativos de acumulação da ordem do capital, o que implica naturalizar até onde for possível estes novos imperativos. À medida que os sujeitos internalizam esses valores, torna-se cada vez mais difícil promover uma organização da classe trabalhadora e a sua mobilização para os embates, embora também a precarização de sua vida possa atingir limites concretos de sua sobrevivência ao ponto que a sua revolta a incite para a mobilização e ação de crítica social – é o espaço da contradição social do capitalismo.

É fundamental apontarmos aqui também o aspecto do moralismo determinante para a ascensão da extrema-direita ao poder. O neoliberalismo é um sistema moralista, e o pós-modernismo reforça este aspecto pela ontologia antirrazão. Ao apontar o Estado e os serviços públicos como fonte de ineficiência, e, ainda mais, de corrupção, a moralidade está sempre em pauta, sendo vista como a causa e a solução dos problemas ocasionados pelo capital. “O tema da luta contra a corrupção não é específico da extrema-direita, mas tem sido demagogicamente manipulado, com certo sucesso, por setores conservadores, na Europa e, sobretudo, no Brasil” (LÖWY, 2015, p. 662).

No embate dentro da moralidade, ou melhor, do moralismo, a ontologia transcendental-irracionalista assume larga vantagem. Bolsonaro se utiliza de forma ostensiva do aparato religioso e em especial nos círculos mais conservadores do cristianismo tem grande

---

<sup>4</sup> <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-diz-no-jn-que-trabalhador-tera-de-escolher-entre-direitos-e-emprego/>

parte de seus apoiadores. Como já vimos, a transcendência religiosa é pilar fundamental do pensamento conservador a partir do moralismo.

Eleito a partir da moralidade conservadora com um discurso conspiratório, repleto de mentiras como o famigerado “kit gay”, e mamadeiras de forma “fállica”, referindo a si mesmo como um enviado de Deus, utilizando-se até mesmo da alcunha religiosa de “Messias”, Bolsonaro consegue sintetizar em torno de sua figura uma série de insatisfações sistêmicas, que, por serem difusas e espontâneas, são facilmente canalizadas contra a esquerda, o sindicalismo e demais movimentos da classe trabalhadora. “A intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. É um tema agitado, com certo sucesso, por setores religiosos, com referência católica (Opus Dei, Civitas etc.) na França e evangélica neopentecostal no Brasil” (LÖWY, 2015, p. 663). Com isso, o presidente em exercício teve palanque dentro de um conjunto de igrejas, convertidas em comícios e espaços de propaganda eleitoral para si, o que obviamente tem grande peso nas escolhas dos “fiéis”, por mais irregular que isto fosse<sup>5</sup>.

Neste aspecto, o irracionalismo é um elemento fundamental, pois, mediante a coesão religiosa, sobretudo, junto com a própria desvalorização sistêmica acerca da ciência, por meio de sua equiparação a qualquer sorte de discursos/narrativas/crenças, as pessoas ficam cada vez mais permeáveis a toda sorte de mentiras e ataques à ciência. Por mais incríveis que sejam estas mentiras, como o caso das mamadeiras, o terraplanismo e as campanhas antivacinação<sup>6</sup> mais recentemente, cujo impacto estamos sentindo na pele nesta conjuntura pandêmica, o conjunto coeso de histórias e teorias da conspiração faz sentido para essas pessoas.

O negacionismo se torna elemento fundamental de mobilização e radicalização do bolsonarismo junto a suas bases e se fortalece como vimos a partir de um caldo de cultura que articula uma realidade objetiva que não faz qualquer sentido, miserável em todos os níveis, a uma ontologia que se destaca por negar o sentido da realidade, ou até mesmo a existência de uma realidade. Assim, figuras de difícil qualificação como Osmar Terra, se tornam protagonistas do debate política e conselheiros de primeira ordem<sup>7</sup>, inclusive cogitado algumas vezes para assumir o Ministério mais importante para o combate à pandemia, o da Saúde.

E como a ciência não se distingue das demais formas de crença, o que garante a verdade/validade de uma informação/conhecimento é a sua eficácia prática no caráter mais imediato, dentro do escopo transcendentalista do irracionalismo-conservador faz certo sentido tomar como verdadeiras essas informações, já que o seu grau de influência na reprodução prática de sua vida material é quase nulo. Logo, como não significa uma obstrução à reprodução de sua vida material imediata, e permite a sensação de coesão e pertencimento social em uma sociedade cada vez mais particularista e desprovida de sentido, ingressar nestes círculos bolsonaristas é um espaço/canal de pertencimento a uma causa. E ainda quando implique em uma ameaça à própria vida dos sujeitos, à sua integridade, o pertencimento, a sensação de lutar por uma causa, muitas vezes pela

---

<sup>5</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/bolsonaro-vai-a-igreja-como-candidato-e-pode-ser-enquadrado-por-propaganda-irregular.shtml>

<sup>6</sup> <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>

<sup>7</sup> <https://catracalivre.com.br/cidadania/quem-e-osmar-terra-cotado-como-novo-ministro-da-saude-de-jair-bolsonaro/>

própria divindade na figura do Messias, se constitui em uma base psíquico-afetiva que justifica o risco e lhe dá uma validade/legitimidade.

Dessa maneira, por mais contraditórias que sejam as declarações de Bolsonaro, a base psíquico-afetiva que une os Bolsonaristas é muito maior que a questão racional, envolve um conjunto de afetos e desejos latentes, marcados sobretudo por sua revolta difusa para com a ordem societária, cujo desejo é constante mobilizado por campanhas mentirosas nas redes sociais e convocação às lutas pelo seu líder.

Isto faz com que a superação do bolsonarismo como forma de concepção de mundo e de práxis política não possa ocorrer pela defesa das instituições decrépitas de um capitalismo em crise estrutural, como advoga a “esquerda institucionalizada”, totalmente cooptada aos valores da ordem em vigor e cujo objetivo se limite a administrar o capitalismo, e não romper com este. Se o bolsonarismo é justamente a síntese da revolta difusa da população, estabelecida como forma de reação do capital a esta crise, defender estas instituições é manter e aprofundar a crise do capitalismo, e incorrer no fortalecimento daquilo que se pretendia negar.

Outrossim, não é possível, após anos de deslegitimação das ciências, de consolidação de um caldo de cultura relativista, do ataque à ontologia, a partir sobretudo da lógica pós-moderna, vir agora fazer um apelo de caráter salvacionista em relação à ciência, sem que se faça a devida luta de caráter antagônico, nos marcos de uma nova ontologia. O debate fragmentário pós-moderno não é suficiente para romper com a ontologia que justifica absurdos, como o engajamento religioso antivacina<sup>8</sup>, é necessário atacar na raiz o aquilo que permite a consolidação destas concepções de mundo, isto é, travar o confronto no âmbito da ontologia

Consequentemente, é pior ainda o papel cumprido pela “esquerda pós-moderna”, muitas vezes institucionalizada, que aposta no apelo moralista, ou em nomear de “fascistas” os sujeitos da classe trabalhadora que ainda se encontram num estágio de pouco avanço de sua consciência e, por isso, reproduzem certas práticas/preceitos opressores. O “moralismo do bem” busca estabelecer um contraponto ao bolsonarismo a partir de suas próprias armas, alijando a cientificidade e a ontologia, só que, como não oferta uma alternativa de concepção de mundo, e o liberal-conservadorismo possui uma concepção extremamente coesa, estabelece-se uma luta em patamares ainda mais desiguais, marcada pela impossibilidade trazer o conjunto da classe trabalhadora para a ação emancipatória.

## ÚLTIMAS REFLEXÕES

Gostaria de dedicar estas reflexões a um brilhante mestre, uma inspiração, o Professor Mario Duayer, falecido em decorrência da COVID-19, a quem tive o prazer de conviver durante uma disciplina no mestrado e que a partir daí nunca cessou minha admiração por sua obstinada luta em prol do resgate da ontologia marxiana como instrumento *sine qua non* de enfrentamento e superação da ordem capitalista.

É justamente a partir da retomada da ontologia marxiana que é possível, em primeiro lugar, partindo da concepção de práxis, reconhecer corretamente a realidade, em seus determinantes objetivos e subjetivos, com sua historicidade, possibilitando a ação política

---

<sup>8</sup> <https://apublica.org/2020/06/poderes-impuros/>

consequente capaz de transformá-la. Esta ação política de transformação da ordem social, de enriquecimento das relações reais, de superação da reificação e objetificação dos demais seres humanos, só pode ocorrer a partir da consolidação de uma nova ontologia que supere o particularismo, embora isso não signifique desconhecer as particularidades.

A crítica ontológica radical é o que permite ir além do campo da aparência, do fragmento para exercer uma atuação no cerne dos problemas. Defender “as instituições” que são, na verdade, umas das causas dos problemas que vivenciamos e nos afligem, é mais uma das ilusões da adesão ideológica à ordem burguesa, e, mesmo que contribua para a derrota do bolsonarismo hoje, não significa o seu fim, já que, ele, como o nazismo também foi, é uma forma de reação do capital às suas crises. Como nos diz Brecht, “a cadela do fascismo está sempre no cio”, e isso ocorre porque, enquanto não superarmos o capital em todas as suas formas, as reações de retomada do controle sociometabólico de uma sociedade fundada em uma estrutura irracional deverá ser também fundada no irracionalismo e no conservadorismo. A derrota definitiva do fascismo só poderá ocorrer com a derrota definitiva do capital.

Sendo assim, é fundamental, então, para os militantes que desejam a transformação efetiva da realidade partir de uma nova ontologia, de uma nova concepção de mundo, que possa ser apresentada como algo que possa conferir sentido à vida das pessoas. Enquanto a militância se subsumir ao nível prático mais imediato, atacar os aspectos parciais/fragmentários da realidade, sem que haja uma concepção de mundo, um todo que dê sentido e que se contraponha a um sistema crise, que revolta as pessoas (se não revoltasse, Bolsonaro não seria eleito com um discurso antissistema), o debate continuará a ser perdido.

## REFERÊNCIAS

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Crise econômica atual e seus impactos para a organização da classe trabalhadora. **Revista Aurora**. 4, n. 6, ag. 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1226>. Acesso em: 15/05/2011.

CARCANHOLO, Marcelo Dias; BARUCO, Grasiela Cristina da Cunha. Pós-modernismo e neoliberalismo: duas facetas ideológico-políticas de uma pretensa nova era. **Revista Lutas Sociais**. v. 21/22, 2. Sem. 2009. Pg. 132-145. Disponível: [http://www4.pucsp.br/neils/downloads/11\\_marcelo-grasiela.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/11_marcelo-grasiela.pdf). Acesso em: 14/03/2015.

CASTRO, Matheus Rufino. **A crise do capital e o projeto reacionário de educação: uma análise do ataque conservador do Escola Sem Partido ao Colégio Pedro II**. 2020. 493f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUAYER, Mario. Antirrealismo e absolutas crenças relativas. **Verinotio**, n. 14, ano VIII, p. 16-22, jan./2012. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.85389080816311.pdf>. Acesso em: 24/04/2014.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**. n.124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>. Acesso em: 18/02/2018.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Trad. SCHNEIDER, NÉLIO; TONET, IVAN; FORTES, RONALDO VIELMI. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Trad. Coutinho, Carlos Nelson; Duayer, Mario; Schneider, Mario. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Trad. LOPES, M.; CASTANHEIRA, P.C. 1.ed. 4.reimpr. São Paulo: Boitempo, 2012.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Adriana Brito da.; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; BORRI, Giovanna Teixeira. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n119/a02n119.pdf>. Acesso em: 25/11/2015.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Serviço Social e Sociedade**, n.122, pp.199-223, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n122/0101-6628-sssoc-122-0199.pdf>. Acesso em: 19/02/2018.

**Data da submissão: 18/03/2021**

**Data da aprovação: 09/12/2021**